

A Menina do 5.º Andar



Margarida Vieira

No nosso prédio, quase tudo acontecia à mesma altura. As conversas cruzavam-se nos corredores, as brincadeiras enchiam o pátio e as despedidas apressadas ecoavam nas escadas. Tudo, menos uma coisa: a menina do 5.º andar. Era assim que a conhecíamos. Ou melhor, era assim que não a conhecíamos.

Eu via-a todos os dias à janela, quase sempre à mesma hora, quando o sol começava a desaparecer por detrás dos prédios da frente. A cortina movia-se devagar e, por uns instantes, surgia o rosto dela, muito atento e silencioso. Nunca descia para brincar, nunca passava pelo pátio, nunca ninguém a via na escola.

Na verdade, ela não estava matriculada na nossa escola. Tinha aulas online, com a câmara desligada e o microfone em silêncio, e assim ninguém a conhecia. Para nós, era apenas mais uma pergunta sem resposta.

— Deve ser muito antipática — dizia a Inês.

— Ou muito tímida — respondia o Lucas.

— Ou então tem um segredo — acrescentei eu, sem saber bem porquê.

O prédio não tinha elevador, e as escadas pareciam intermináveis, quando se olhava para cima. Cinco andares davam trabalho até aos adultos, para uma criança, eram quase uma montanha. Talvez, por isso, ninguém se lembrasse de subir até lá, só para dizer olá.

Um dia, enquanto eu, a Catarina, a Sara, o Lucas e o Carlos estávamos a conversar, olhei para cima e reparei que a cortina do quinto andar se mexia.

— Olhem, a janela está aberta! — sussurrei.

Todos ficámos quietos, sem saber se ela estava realmente a ver-nos ou se apenas brincava com a cortina.

— Devíamos tentar falar com ela? — perguntou a Sara, hesitante.

— Mas como? — disse o Carlos. — É muito alto e ela nem nos conhece.

— Podemos começar devagar — sugeri a Catarina. — Um bilhete por baixo da porta, ou um desenho, qualquer coisa simples para mostrar que queremos ser amigos.

Ficámos em silêncio durante alguns segundos. A ideia parecia simples, mas dava um certo medo. E se ela não quisesse responder? Mesmo assim, decidimos tentar.

Sentámo-nos num banco do pátio e escrevemos todos juntos, escolhendo bem as palavras. Apagámos, voltámos a escrever, e dobrámos o papel com cuidado, quando ficou pronto:

Olá!

Nós somos a Catarina, a Sara, o Lucas, o Carlos e a Ema.

Queremos muito ser teus amigos e gostaríamos de te conhecer melhor.

Se quiseres, podes deixar a resposta em baixo da tua porta.

Um abraço,

Os teus amigos do prédio.

Subir até ao quinto andar foi mais difícil do que pensávamos. As escadas pareciam ainda mais longas naquela tarde. Coloquei o bilhete com cuidado no chão, encostado à porta, e descemos sem fazer barulho.

Durante dias, nada aconteceu. Até que, numa manhã, ao subir as escadas, reparei num papel preso com fita cola do lado de fora da porta do 5.º andar. Era a resposta dela.

Olá.

Obrigada pelo bilhete.

Gostava de ser vossa amiga... mas tenho algum receio.

Não sou muito boa a falar com pessoas novas.

Talvez possamos começar devagar.

A menina do 5.º andar

Lemos em silêncio. Não era um “sim” completo, mas também não era um “não”.

Era uma porta entreaberta.

E, pela primeira vez, sentimos que a menina do 5.º andar estava a descer um pouco até nós — mesmo que ainda não fosse pelas escadas.

Naquela tarde, voltámos a sentar-nos no banco do pátio. Se ela tinha tido coragem para responder, o mínimo que podíamos fazer era responder também.

— Talvez possamos encontrarmo-nos aqui em baixo — sugeri o Carlos.

— No pátio — acrescentou a Catarina. — É mais fácil para todos.

Escrevemos com cuidado, tentando não parecer apressados nem insistentes. Quando o bilhete ficou pronto, subimos até ao quinto andar e deixámo-lo junto à porta.

Dizia assim:

Olá!

Obrigada por nos teres respondido.

Gostávamos muito de te conhecer melhor.

Se quiseres, podemos encontrar-nos no pátio, quando te sentires preparada.

Um abraço,

Os teus amigos do prédio

Durante algum tempo, não houve resposta. Depois, numa manhã, encontrámos outro bilhete pendurado no corrimão das escadas:

Olá.

Obrigada pelo convite.

Há uma coisa que preciso de vos contar.

Descer até ao pátio não é fácil para mim.

Talvez seja melhor encontrarmo-nos cá em cima, na minha casa.

Se quiserem...

A Menina do 5º Andar

Lemos devagar. Não sabíamos ainda o que ela queria dizer, mas percebemos que confiar em nós tinha-lhe custado.

No dia seguinte, subimos até ao quinto andar, com mais nervos do que degraus à frente. Batemos à porta ao mesmo tempo. Demorou um pouco a abrir.

— Desculpem... eu demoro sempre mais um bocadinho — disse a rapariga quando apareceu.

Apoiava-se em duas muletas.

— Eu chamo-me Leonor — acrescentou. — Tenho um problema numa perna... e custa-me muito descer as escadas. Por isso, quase nunca saio de casa.

E, naquele instante, percebemos que o segredo da menina do 5.º andar não era algo para esconder, mas algo que precisava de ser compreendido.

A Leonor fechou a porta devagar e pousou as muletas junto à parede. Parecia mais tranquila agora, como se o mais difícil já tivesse sido dito.

— Desculpem se a casa está um bocado desarrumada — disse. — Eu passo muito tempo aqui sozinha.

Olhei em volta e percebi logo que não era uma desarrumação qualquer. Encostadas às paredes havia telas de vários tamanhos, algumas ainda por acabar. Sobre a mesa, pincéis, lápis e tubos de tinta misturavam-se como se fizessem parte da mesma conversa. A Sara aproximou-se de uma das telas.

— Foste tu que pintaste isto? — Disse a Sara muito espantada.

A Leonor acenou com a cabeça, envergonhada.

— É só um passatempo...

— Leonor... isto é incrível — disse o Lucas, quase num sussurro.

Ela sorriu, pela primeira vez, sem hesitação.

Foi nesse dia que começámos a ir mais vezes ao quinto andar. Às vezes para conversar, outras apenas para a ver pintar. Aos poucos, a casa dela deixou de ser apenas o lugar onde ficava presa — tornou-se um ponto de encontro.

A ideia surgiu numa dessas tardes.

— E se mostrássemos os teus quadros às pessoas do prédio? — sugeriu o Carlos.

— Podíamos fazer uma feirinha no pátio. — acrescentou a Catarina.

A Leonor arregalou os olhos.

— Acham mesmo que fariam isso por mim? — perguntou, hesitante.

— Achamos — respondi. — E, sabes, podia ajudar algo importante: o prédio não tem elevador, e muita gente tem dificuldade, como tu, em subir e descer estas escadas. Se conseguirmos vender os quadros, podemos juntar algum dinheiro para contribuir.

Ela sorriu timidamente, mas pela primeira vez parecia acreditar que não estava sozinha.

No sábado seguinte, o pátio encheu-se de mesas, cartazes coloridos e vizinhos curiosos. As telas da Leonor estavam expostas ao sol, e cada pintura tinha um pequeno cartão com o nome dela: *Feito por Leonor, a menina do 5.º andar*. As pessoas compravam, elogiavam e conversavam entre si. A energia era contagiante. Até os adultos do prédio começaram a perceber que, se todos se unissem, seria possível transformar algo que parecia impossível: o elevador.

Ao longo das semanas, fizemos várias feirinhas. Cada venda aproximava-nos mais do objetivo. O prédio, que antes parecia apenas um monte de escadas e portas, transformava-se em algo coletivo, feito por todos, para todos.

E, finalmente, o dia chegou. As obras começaram. Quando o elevador ficou pronto, a Leonor desceu com um sorriso enorme, apoiada nas muletas, mas sem medo. Pela primeira vez, podia ir e vir do seu apartamento com facilidade.

Pouco tempo depois, deixou as aulas online e matriculou-se na nossa escola. Naquele primeiro dia, quando entrou na sala, percebemos que a menina do 5.º andar já não estava lá em cima. Estava ali, connosco.

Hoje, quando subo até ao quinto andar, já não penso na menina que ninguém conhecia. Penso na Leonor, na amiga que nos mostrou o seu mundo através da cor e da coragem.

O prédio mudou, o elevador trouxe liberdade, mas o que realmente transformou tudo foi a amizade, os bilhetes, os risos e as pinturas.

E, por vezes, olho para a janela do quinto andar, onde tudo começou, e sorrio. Porque a menina do 5.º andar já não está sozinha. Está connosco.

E o prédio, esse, nunca mais voltou a ser o mesmo.

FIM

No nosso prédio, todos se conhecem...
menos ela: a menina do 5.º andar.

Sempre à janela, silenciosa e misteriosa,
nunca desce para brincar nem se deixà ver.

Um grupo de amigos decide deixar
um bilhete e mostrar que querem conhecê-la.

Entre curiosidade, coragem e pequenos gestos,
descobrem que amizade e empatia podem mudar tudo.



Às vezes, basta um gesto pequeno
para construir uma grande amizade.